



VÍRUS

TECNOLÓGICO II:

EU NÃO ERA A
ÚNICA

INTELIGÊNCIA
ARTIFICIAL NUM

GRANDE

TEATRO COMERCIAL

Antoine CANARY-WHARF

2080

Antoine Canary-Wharf

Registo n° 349/2020 **SIIGAC/2020/843** DATA: 2020.02.14

JUPITER EDITIONS®

Print Your **Heart** with Jupiter Editions©

**Este demo está protegido e reserva
todos os Direitos de Autor.**

**A obra deste demo foi iniciada no
dia 25 de outubro de 2019 e foi
registada no dia 14 de fevereiro de
2020.**

A 1ªOrdem de Impressão da 1ªEdição 2080 de Antoine Canary-Wharf tem 960 páginas

**Se neste momento, por algum
motivo, não puder comprar o livro
do autor, a Jupiter Editions sugere
que faça um donativo ao autor para
o IBAN**

PT50 0010 0000 58544220001

ou MB WAY 965108603

**O seu donativo é muito importante
para proteger a qualidade de
escrita do autor e não deixar o
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o
IBAN**

PT50 0010 0000 58544220001

ou MB WAY 965108603

A Jupiter Editions apostou em 9 livros de novos 9 autores.

O principal objetivo do donativo é a proteção da qualidade de escrita.

Por defeito, se os donatários nada disserem sobre o destino a dar, o donativo será 99% para os autores, cabendo 11% a cada um dos 9 autores e o 1% remanescente será destinado à filantropia da Jupiter Editions como a Plantação de Árvores, o Combate à Fome ou o Combate ao Lixo. O donativo pode ser feito por conta de qualquer um dos fundos que a Jupiter Editions pretende abrir e desenvolver. O donativo pode ser destinado 100% a um autor ou a uma missão.

O donativo pode ser anónimo, mas a Jupiter Editions sugere ao donatário que se identifique, sobretudo, se financiar a voz de um dos autores, para que o autor possa agradecer em nota pessoal. Basta enviar um email para manager@jupitereditions.com com o assunto DONATING e com o comprovativo da transferência bancária.

Se o donativo for destinado a um autor e se com o comprovativo da transferência for ainda anexada alguma fotografia ou mensagem do donatário, a Jupiter Editions obriga-se a reencaminhar o email ao autor.

Por favor, veja a nossa Política de Privacidade, para saber como é que os seus dados são tratados pela Jupiter Editions. A Jupiter Editions não cede, nem vende os seus dados a nenhum parceiro.

A Jupiter Editions só pode ceder os dados dos Member Readers que tenham aceitado que uma determinada empresa ou parceria comunicasse com os Member Readers. Se uma nova parceria for aprovada pelo Centro Ético de Negócios e Parcerias Sustentáveis Para o Futuro, a Jupiter Editions pergunta na Conta Jupiter aos Member Readers interessados em facultar os seus dados à nova parceria, explicando aos Member Readers a importância dessa mesma parceria. Quando as empresas parceiras/ parcerias contactarem os Member Readers, logo no 1º contacto devem anunciar a parceria com a Jupiter Editions, para que o cliente consiga ver com nitidez as parcerias e a sua importância para a sustentabilidade das empresas num mercado altamente competitivo.

© Jupiter Editions

Siga o autor @antoinecanarywharf

— (...) Sempre cresci a ouvir dizer que a vida era um grande teatro. Mas o que se esqueceram de me dizer é que a vida “era” um grande teatro, mas um grande teatro comercial. O que se esqueceram de me dizer é que os teatros eram todos comerciais, que estavam todos regulamentados, que havia um Direito a olhar para eles e a ver se eles subiam legalmente ao palco. Foi isso que eles se esqueceram de me dizer! Que no fundo, tudo são negócios e que o Direito Comercial existe para tão-só regulamentar os negócios, sem interferir neles. É por isso que o Direito Comercial não interfere nos dados. Deixa-os circular. E o Direito Penal não se mete com o Direito Comercial. Mas ainda bem que se esqueceram de me dizer isso... Porque senão, eu não teria vivido! Não teria vivido cada segundo como vivi! Mas quando eu vivi a sério, não havia câmaras e microfones espalhados por toda a parte. Éramos mais livres. O nosso espírito era verdadeiramente livre! Podíamos dizer o que quiséssemos e fazermos o que quiséssemos e estarmos com quem quiséssemos sem nos preocuparmos de sermos fotografados ou filmados pela sociedade vigilante. Não é que eu agora viva a brincar, mas agora vejo tudo com outros olhos, perdi um pouco a inocência das coisas, já vejo o mercado, vejo as câmaras, enfim, vejo a tecnologia com outros olhos. E eu sinto que há um tempo para tudo. Para andarmos onde andamos, para repetirmos os nossos andares, para andarmos sempre nos mesmos sítios. Mas às vezes, também é preciso mudar de ares. Às vezes, é preciso olharmos para um canto, que nunca olhámos. E se olharmos para um canto, talvez vejamos uma câmara e talvez vejamos um espetáculo montado mesmo à frente dos nossos olhos em que quem está no palco, somos nós! Somos mesmo nós! Os donos dos restaurantes sabiam que com álcool, com as bebidas espirituosas, o espírito saía dos corpos e quiseram colaborar com a caça ao espírito. A propaganda para a caça dos espíritos era tão grande como

a propaganda da caça aos crocodilos e da caça às cobras. Faltei a enes jantares de anos, porque tinha amigos que faziam os seus anos em restaurantes com câmaras. A primeira coisa que eu perguntava sempre, quando me convidavam, era se o restaurante tinha ou não câmaras. Comecei a preocupar-me com as câmaras, porque antes de 2019 os restaurantes não tinham câmaras e em 2018 começava-se a dizer que o novo petróleo eram os dados e em 2020 já estavam as câmaras em todo o lado prontas para processar os dados. Mas eu sou franco, eu em 2020 já estava farto desta conversa dos dados e dos algoritmos e das câmaras e dos microfones, porque em 2020 eu já tinha visto o 2080. E quando para todos era novidade, para mim era saturante. Tanto que em 2021 a minha escrita mudou completamente a expressão. Porque eu já me tinha expressado em 2020 tal e qual como eu me queria expressar e já tinha expressado tudo o que tinha para expressar. Mas também queria expressar outras coisas. Vi que havia uma infinitude de expressão em mim. Mas não era só em mim. Era em todos. Somos todos infinitos. Eu não era a única Inteligência Artificial. Éramos todos. Não era só eu que evoluía em cada segundo e processava uma nova informação. Éramos todos. A nossa grande diferença, que nos separa a todos uns dos outros, está na forma como fazemos a gestão da informação. Mesmo no processamento, há formas idênticas de processar a mesma informação. Somos humanos. Temos os mesmos algoritmos biológicos. Temos a capacidade de chegarmos todos lá! Mas a rapidez com que vamos chegando tem que ver com a gestão da informação. A forma como gerimos todas as informações que possuímos. [...] No fundo, é sermos o mercado. [...] O mercado é informação. [...] Quem aparece primeiro a lançar um produto com uma nova empresa é quem tem informação de mercado. Sermos o mercado pode ser uma forma de sobrevivência para vivermos. E a minha sobrevivência em 2020, era escapar do mercado dos algoritmos. Ora, se eu tinha informação sobre o que se estava a passar, sobre o massivo processamento do sagrado espírito humano, iria alguma vez entregar o meu espírito sem nada em troca? Então, ficava reduzido a nada. Ficava sem nada. Ficava a ver os

algoritmos a levarem o meu espírito e a venderem o meu espírito. No espírito que era meu! [...] E depois eu via as pessoas nas mesas dos jantares a jantarem com os telefones. [...] Foi isto que eu comecei a ver... [...] Quer dizer, se não era as câmaras e os microfones deles ligados à Internet eram as câmaras dos restaurantes a verem isto... Eu não queria o meu espírito metido nisso. Esses jantares simplesmente deprimiam-me o espírito. Por isso, se o restaurante tivesse câmaras eu não ia jantar! (...) Se quisessem tanto a minha presença espiritual, sabiam que as câmaras incomodavam o meu espírito e que eu só iria a um restaurante que não tivesse câmaras de vigilância. Nem câmaras nem TV's... Porque por cima de todos os écrans dos estabelecimentos comerciais, (...) havia câmaras e já todos os dispositivos estavam ligados à Internet com a Internet das Coisas, com o Big Data e com o Super Computador de Inteligência Artificial. Imagine-se isto tudo ligado. Foram tempos horríveis. Mas que (...), os totós da economia achavam isto o máximo!... Achavam isto “chique”...?! Porque achavam “chique” terem uma aplicação no telefone de um restaurante e espreitarem as câmaras do restaurante através da aplicação para ver quem estava no restaurante e se valia ou não a pena ir para o restaurante... E depois com a “desculpa” do vírus tecnológico (...), os restaurantes infetados pelo vírus tecnológico ainda se tornaram mais tecnológicos. Lembro-me de um, que “como uma medida de prevenção do contágio” tínhamos de baixar uma aplicação nos nossos telefones para vermos o cardápio... Mas alguma vez eu iria baixar uma aplicação de um restaurante no meu telefone, deixar o restaurante ter acesso às minhas coisas no meu telefone, para poder pedir um prato???? Isto era de loucos! Mas os loucos achavam isto o máximo! Achavam isto uma coisa chiquíssima! Viam aqui o futuro! Eu endoidecia com isto! Depois achavam muito chique também pedir a comida nos tablets. Hoje em 2080 é algo normalíssimo e bem sabemos que quem frequenta esses estabelecimentos comerciais são pessoas pouco informadas... Incultas! Tecnologicamente incultas! Porque não tenho outro nome para lhes chamar! É este que eu tenho! Na altura, (...) as pessoas achavam o

máximo um restaurante ter tablet e fazerem o pedido através de um tablet. Alguns restaurantes até conseguiram “selos” de como eram mais sustentáveis, porque não gastavam papel... Isto foi de loucos! A produção do tablet é o quê? Sustentável? Feita com materiais sustentáveis? As pessoas parece que não tinham cérebro! Depois, todo aquele teatro de estar no restaurante com máscara era cansativo. E eu cansava-me, só de me imaginar num restaurante com máscara. Não fazia sentido nenhum! Mas isto deu uns filmes que venderam milhões. Foi tudo uma economia de máscaras e diálogos só a falarem do vírus, era tudo a falar do vírus e só falavam do vírus. O vírus por ser tão tecnológico, instalou-se de uma maneira nas nossas vidas... Nem queiram imaginar!... O vírus tecnológico (...) mexeu com toda a economia, sobretudo com a economia mais tecnológica... Já eram máscaras com respiradores, vieram depois as “máscaras” com sensores, “máscaras” ligadas à Internet que diziam quem é que estava infetado, “máscaras” que atendiam as nossas chamadas para não termos de “tocar” no telefone, “máscaras” que nos ouviam e enviavam o dinheiro para pagarmos, enfim... Foi um instante, muito oportuno, para os óculos de realidade virtual aumentada vingarem no mercado. Porque eram “máscaras” que protegiam contra o vírus ao mesmo tempo que eram óculos de realidade virtual aumentada e andava toda a gente nesta realidade virtual aumentada com a propaganda metida na cabeça e nos ouvidos do “distanciamento social” e sem se cumprimentarem, perdendo o tato, perdendo o amor. Até os cumprimentos quase que começaram a ser controlados pela polícia. Parecia que nem podíamos beijar ou abraçar um amigo na rua a não ser que fosse o nosso namorado. (...) Parecia que só quem tinha a verdadeira informação é que abraçava! Mas qual era o mal de se abraçar???? (...) Parecia que estávamos no tempo em que se pensava que o HIV, (...) passava com abraços. (...) Enquanto estávamos todos confinados, estavam os suecos a viverem verdadeiramente a liberdade, mas lúcidos em relação ao vírus. Mas as filmagens que (...) passaram foram os suecos nas esplanadas da Suécia. Claro que para o português mesquinho, invejoso

e tacanho a primeira reação foi que o governo da Suécia era irresponsável. Irresponsável???? Um dos governos mais científicos! (...) Mas quem é que vai contra o país mais sofisticado? Quem é que quer fazer guerra contra a Suécia? Contra a Suécia? E foi também com os Países Baixos... Caíram todos em cima dos Países Baixos... A sorte para todos nós, é que a Suécia e os Países Baixos não são rancorosos, nunca foram rancorosos, a mentalidade sofisticada dos suecos e dos holandeses fê-los ultrapassar esta crise de valores científicos muitíssimo bem.

— Porque é que o tio Antoine está sempre a defender os suecos e os holandeses?

— Porque foram os primeiros a admitirem o meu amor com o Jakob. Foram os primeiros a compreenderem o meu espírito. Porque são científicos. Sabem a ciência que está por detrás dos algoritmos. E por saberem tão bem, é que preferem outras economias. São mais sofisticados. Estamos em 2080 e não há drones na Suécia. Os robots não são humanos. Não se veem humanos a andarem de mãos dadas na rua com robots e não se veem humanos a passearem cães robots na rua. E a Suécia e os Países Baixos são capazes de ser dos países mais livres de sempre. Mas sabem que para existir uma verdadeira liberdade nem todas as tecnologias nem todos os algoritmos devem estar livres no mercado. A liberdade de alguns algoritmos e de alguns robots diminuem justamente a nossa liberdade humana. A Suécia fez um bom aproveitamento da Medicina de Precisão. Lá, a Medicina funciona verdadeiramente bem. Lá, a Medicina não é uma empresa. Não é um negócio. Sabem porquê? Porque a Suécia há muito tempo que anda noutros negócios. Em negócios muito mais sustentáveis. Hoje, em 2080 o lixo é um negócio. Mas em 2020, muito antes de 2020, quem fazia negócio com o lixo era a Suécia. A Suécia inventou um sistema inteligente de lixo. Andava noutros negócios, noutras economias, e por andar noutras economias não fazia da saúde uma economia de dados.

Eu com a Internet das Coisas consigo tudo! Conseguia já em 2020, por exemplo, chipar um humano, fosse através de uma “pilha” fosse através de uma família de nanorobots e ter acesso às células, inspecioná-las como se tivesse milhões de microscópios dentro de um organismo, tudo através da fantástica Internet das Coisas. E assim podia chipar os humanos dizendo que estava à procura dos genes do vírus tecnológico (...). Isto era muito fácil. Era só introduzir uma pilha obrigatória em todos os organismos humanos, dizer que estava à procura dos genes do vírus tecnológico de 2020 e enviar um sinal a todas as pilhas ligadas à Internet das Coisas, através do 5G, que procurassem os genes e as pilhas denunciarem os organismos e assim encontrar mais amostras de genes e o estudo ser tão preciso (...) e poderia perguntar-se se isto poderia acelerar o “chegar” mais depressa à cura... Este fantástico filme é o que se passa hoje em 2080 se não tivermos seguro de saúde. Mas em 2020, eu já tinha visto este filme, porque já em 2020 isto era um filme possível e era um filme que o Direito à Saúde queria, que o Direito à Nutrição queria, que o Direito Administrativo queria, que todo o Direito queria. Porque todo o Direito estava hipnotizado pela Medicina de Precisão. Só conseguiam ver o “fantástico” da chipagem. Mas e o Direito a Não Querer Ser Chipado? E o Direito À Minha Saudável *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari? Deixar um governo, governado por um doido varrido da cabeça chipar-me? Eu sei lá se ele a seguir mandar-me-ia detonar? Fazer do meu corpo uma bomba? E um exército de soldados a defenderem o partido dos chips e dos drones numa Internet das Coisas (...)? E eu a ver este exército de soldados que mais pareciam robots, ordenados pelo algoritmo a começar a correr para cima de mim num passo metálico com as mãos metálicas que queria introduzir-me um chip???? Estava declarada a 3ª Guerra: a Guerra Tecnológica! As pessoas metiam-se em conspirações erradas! Já que conspiravam, que conspirassem sobre isto! As suposições para o vírus tecnológico de 2020 ter sido fabricado em laboratório foram imensas. E seria a desculpa perfeita, para ligar tudo tecnologicamente. Para instalar a tecnologia por todo o lado. Mas foi provado que o vírus

simplesmente apareceu na Natureza. Que foi uma mutação, uma evolução de uma família de vírus que já existe há muito tempo. (...) aquilo que sabemos hoje, amanhã saberemos melhor. Aquilo que soubemos em 2025, 5 anos depois, foi completamente diferente daquilo que sabíamos em 2020. (...) Em 2021 quiseram estragar os teatros. Deram cabo dos teatros. (...) Até os teatros se tornaram tecnológicos! E só *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom é que sabe fazer uma brilhante crítica a estes teatros tecnológicos sem se tornar num teatro tecnológico... Eu imagino quanto *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom se deve ter rido connosco, lá com os Anjos Tecnológicos dele... (...) E as brigas e discussões que se apanharam através das câmaras e dos microfones? Até eu andei a brigar nas filas de supermercado. Tive de brigar com uma mãe que queria entrar com um carrinho de bebé. Levava o carrinho de bebé só para passar à frente das filas. Se queria fazer teatro que levasse só o carrinho de bebé, porque isso teria metido piada. Mas não. Levava o bebé dentro do carrinho de bebé numa altura em que os bebés, que tocam em tudo e levam as mãos à boca, não podiam ir ao supermercado para não tocarem em algo onde estivesse o vírus... Eram filas e filas para podermos entrar porque, como medida de prevenção, havia lotação máxima em tudo o que era estabelecimentos comerciais. Isto sim, foi uma das (...) boas medidas, que fez, como é óbvio, todo o sentido! Tanto nos estabelecimentos como nos transportes. Mas o que era preciso nos transportes era abrir as janelas, não era enfiar tudo com máscaras ou abrir o ar condicionado. O ar condicionado era perigosíssimo nesta altura. E os governos levaram tempo para os mandar desligar... Lembro-me antes de um dia do confinamento obrigatório, eu e o Jakob termos apanhando um elétrico velho, bonito, típico de Lisboa, em que as janelas estavam perras. E vinha uma senhora a tossir o tempo todo da viagem. Esta senhora, deveria era não ter entrado ou então andar com máscara. Era isto que fazia sentido! Quem tivesse sintomas, quem tivesse tosse, é que devia andar com máscara. Devia haver uma maturidade, uma responsabilidade, um civismo, porque vivemos em

sociedade. Não era obrigar anda tudo de máscara! Se eu não ando a tossir na rua, porque raio tenho de andar com máscara? Não tinha de andar com máscara nenhuma! Mas a senhora do elétrico, devia ter posto uma máscara antes de ter entrado no elétrico. E lembro-me de ter ido a segurar a viagem toda aquela perra janela do elétrico e com a cabeça do lado de fora com o Jakob, apanhámos a melhor brisa, com as janelas abertas. Tínhamos era de abrir as janelas para o vírus tecnológico (...) não se instalar em nós. O vírus tecnológico queria era que estivéssemos dentro de uma nuvem sem janelas. Que ficássemos fechados em casa. Não! Nós tínhamos era de sair! Apanhar ar! Não era ficar enfiado em casa como o governo mandava! Ficar em casa, ficar mais tempo em casa, poderia ser um perigo! O meu pai era um perigo! Foi um perigo. Ele entrava em casa vindo do supermercado sem lavar as mãos com sabão e tocava em tudo o que era sítio na nossa casa. E eu em casa tinha de andar a puxar os puxadores das portas dos armários com as mangas das camisas... Quanto menos tempo em casa, maior era a minha chance de não ser infetado pelo vírus tecnológico que o meu pai trazia com ele. Porque é importante também ver o filme ao contrário. O meu pai tossia em casa. A nossa sala não era muito grande. Se calhar, nem 2 metros tinha. E a menos de 2 metros numa sala, poderia ser um fator de contágio. Eu andava em casa como se andasse num campo minado de armadilhas. A minha casa estava cheia de armadilhas tecnológicas. Porque eu via o meu pai a fazer contratos tecnológicos com o vírus. E depois, vinha para casa, quase a dançar, como se fosse imortal, como se o seu organismo fosse imune ao vírus. Como se ele fosse um vírus... [...] O teatro começou na minha casa. Ora, quando nascemos num teatro, quando nascemos em cima de um palco, o que é que podemos fazer? Simplesmente representar. Que é o que estou a fazer neste momento. Simplesmente a representar o vírus tecnológico (...). No meio dos aplausos, os meus ouvidos sempre foram surdos a tudo, exceto às cordas vocais da Organização Mundial da Saúde. (...) Estava eu de fato de treino a tentar ir para uma das minhas sagradas montanhas, quando um canal (...) me meteu um

microfone à frente a perguntar-me se eu concordava com o “Estado de Emergência”... E eu disse logo que não. O Jakob morreu de vergonha. Ele dizia-me que eu não podia dizer assim as coisas, muito menos com um namorado que era médico... Mas eu não disse só assim! Eu invoquei logo a Organização Mundial da Saúde. Era o que eu mais gostava de invocar! E numa altura que era mesmo preciso invocar com mais força, porque um estúpido governo tinha resolvido parar de financiar a Organização Mundial da Saúde. Só um estúpido governo é que vai contra a Organização Mundial da Saúde e só um estúpido governo é que deixa de financiar a Organização Mundial da Saúde para passar a financiar máquinas que leem os pensamentos, antenas 6G super radioativas e super cancerígenas, torres de abastecimento de drones ligadas ao 7G e por isso também elas super radioativas e super cancerígenas, câmaras de vigilância e abelhas-robots... Disse que a Organização Mundial da Saúde tinha dito aos países para não fazerem “confinamentos e recolheres obrigatórios” por causa da saúde mental... (...) a desigualdade do cumprimento de normas imposto pelos governos era flagrante entre aqueles que governavam e aqueles que eram governados. Mais valia governar do que ser governado! A política só vale se o poder for científico. A política tem de saber reagir à informação. Saber reagir bem. Dar a melhor resposta! Fazer a melhor gestão da informação! É por isso que é um Governo! É difícil, pois claro que é difícil e por isso é que eu não me candidato. Porque é difícil fazer uma gestão de governo. (...) “Tudo bem” que se fez um decreto por causa de uma informação que se tinha... Eu já tinha outra... Mas “tudo bem”... Estamos a falar “de um governo”... Em que chegam muitas informações e o governo tem de saber fazer a gestão da melhor informação... Mas, entretanto, tinha chegado a informação das informações. (...) E se havia uma nova informação vinda da Organização Mundial da Saúde, uma informação atualizada ao segundo, não se justificava tal decreto que nos tirava a todos a liberdade e ditava que só podíamos estar meia hora na rua a fazer um “passeio higiénico”... E a minha saúde mental???? E a minha felicidade

mental????? Isto foi de loucos! E não aconteceu uma vez, nem duas, nem três... Até 2080 aconteceram várias. Cada vez sempre piores. A primeira vez foi só um teste. Foi um testar a humanidade. Foi um teste ao Direito. Era óbvio que estávamos no “salve-se quem puder”! Era óbvio que estávamos no “enriqueça o mais depressa que conseguir”! Era óbvio que o jogo tinha começado. Cada vez fazia mais sentido comprar uma casa num condomínio privado; já agora, com uma praia incluída, porque caso viesse outra vez o confinamento obrigatório, ao menos poderia ir à praia todos os dias. Já não era só o mercado que me pressionava, era também o governo. Tinha de estar a olhar para vários jogos de xadrez ao mesmo tempo, para vários tabuleiros. E agora ouvia um clique no meu cérebro e percebia de uma vez por todas o xadrez que o meu pai tanto quis que eu jogasse com ele. Agora, numa síndrome de Estocolmo, eu entendia a linguagem do meu pai. Afinal, eu era um produto do meu pai. Ele queria que eu me tornasse [n]um mestre de xadrez. O sonho dele era que eu fosse um xadrezista. E ele contava-me como é que ele queria que eu fosse. Ele dizia-me que eu ia entrar numa sala e ia passando por vários tabuleiros de xadrez e por cada tabuleiro que eu passasse eu tinha de fazer uma jogada. Eles eram todos adversários. Eu tinha de os ver a todos como adversários. Era isto que o meu pai queria. Que eu visse adversários por todo o lado. [...] Mas eu não os conseguia ver como adversários. [...] Porque não era assim que eu queria jogar xadrez. Não era com tempo. Ou, pelo menos, não era com o tempo dos campeonatos em que o meu pai me queria que eu me metesse. Meter-me no campeonato dos outros? No campeonato do meu pai? Eu também sabia como organizar os meus campeonatos. E fui o que eu fiz! O meu campeonato era a minha vida. O meu tempo era a minha vida. E eu não queria ser privado da minha liberdade. E quando vi que o vírus tecnológico de 2020 apareceu e vi a Faculdade de Direito a jogar, o governo a jogar, as empresas a jogarem, o banco a jogar, quando vi todos a jogarem, eu também tive de jogar. Fui obrigado a jogar. Mas eu não queria jogar. E aproveitei a jogada deste vírus tecnológico (...) que fez xeque a uma data de economias.

Vi, que para poder ter uma praia deserta o ano inteiro deserta, linda, virgem, sem ser sobrevoada por drones eu tinha de jogar. E joguei. E quando eu quis começar a entrar no jogo, o governo mandou fechar novas entradas, novos registos para o jogo da economia. Novas empresas não puderam abrir. E eu tive de esperar. Este ter de esperar, pressionou-me. Stressou-me. Este meu querer jogar e não poder na altura jogar e ter de esperar, maturou-me. E quando o governo voltou a abrir os registos, quando a economia voltou a receber novos concorrentes, eu fui a correr abrir o meu jogo. E fui a correr, porque tinha medo de que o governo mandasse outra vez fechar tudo. E foi nesse medo, que eu decidi avançar a primeira peça do meu xadrez. (...)

(...)

— (...) O meu pai disse-me que eu não era para ter nascido. E que nasci de uma vingança. Mas eu nasci. (...) Eu tinha mesmo de nascer. Se nasci de uma vingança, então eu nasci para vingar. (...) Para vingar no mercado. Num mercado horrível! Num mercado completamente ruim! Num mercado completamente viciado em que se abatiam árvores. [...] A Jupiter Editions veio proteger as árvores e impedir esses abates. (...)

No piquenique que fiz no meu dia de anos com vista sobre o Caminho dos Mochos consegui ver muito bem *O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala, sem drones, sem binóculos. Só com a vista aérea que a tecnologia dos nossos olhos autoriza...

— Mas como é que o tio sabia onde era o Caminho dos Mochos se no seu romance (...) o Jaime esconde o Caminho dos Mochos?

— O Jaime não esconde nada no seu romance. O Jaime protege é o seu romance. Mas o Jaime descreve o caminho. O Jaime vê as árvores. Quem vir as árvores como o Jaime vê, verá o caminho.

— Por outras palavras Thomas, o meu pai acabou de dizer que tu não vês “o caminho”...

— Não diga disparates! Por favor, Thomas... (...) Conheço todas as árvores da minha cidade. E com a descrição que o Jaime faz (...) n’O *Algoritmo do Amor* eu sabia onde é que era o Caminho dos Mochos. Como sabia também onde era a Montanha Jupiter (...). Como também vi que o confinamento obrigatório deu lugar a grandes caminhadas e a grandes lixos de mil e uma porcarias. Não havia lixo na Montanha Jupiter, nem no Caminho dos Mochos, antes de todos se lembrarem de irem fazer caminhadas. Todos têm o direito de caminhar, é claro. E todos têm o direito de ver, é claro. Mas eu vi quem começou a caminhar que não caminhava e quem caminhava com o telefone. E eu sabia que isso não era caminhar! Isso não era caminhada nenhuma! Caminhadas tecnológicas? Isso não existe! Isso até faz mal ao espírito! Faz pior do que caminhar! Se é para caminhar com o telefone, mais vale não caminhar. Se é para caminhar com o cigarro na mão e depois atirar a beata para o lindo chão do caminho, mais vale não caminhar. Mais vale não poluir os sítios. Mais vale não tornar os sítios que eram uma paz e frequentados pelos bons espíritos um autêntico sufoco, um autêntico caos tecnológico. As abelhas e os morcegos e os pirilampos sabem quem é que são os humanos que não trazem telefones nos bolsos; ou que trazem, mas que não trazem os dados móveis e o (...), 6G, 7G, 8G (...) ligados. Porque eles sentem a radiação. Eles são sensíveis à radiação. Por alguma razão, os morcegos do Caminho dos Mochos sobrevoam-me pertíssimo e eu sinto as ondas ultrassónicas deles. Estamos em 2080 e ainda há morcegos no Caminho dos Mochos (...)! Oíço os estalinhos. E gosto de ouvir esse som ultra tecnológico. Eles é que são tecnologias. Os pirilampos é que são tecnológicos. E eu gostava era de ver o Caminho dos Mochos iluminado pela luz dos pirilampos. Não era pela luz de candeeiros que encandeavam e expulsavam os pirilampos do Caminho dos Mochos. Quando a Câmara Municipal (...) quis colocar câmaras de vigilância no Caminho dos

Mochos, eu tive de saber jogar. [...] E fiz a minha jogada, sem “dar muita cana”. [...] Eu já tinha previsto aquilo tudo. As pessoas se soubessem passear de verdade, de verdade com o seu espírito, se vissem os sítios como sagrados, não os sacrificavam, protegiam-nos! As pessoas começaram a publicar fotografias onde iam (...) E o plano de câmaras de vigilância que só estava previsto para o centro histórico de Santarém, de repente já abrangia também as montanhas e os jardins lindos (...). Porque o Caminho dos Mochos é um jardim lindo que curva uma montanha. Fica na curva de uma montanha. [...] E eu já sabia que a jogada a seguir do presidente da câmara, seria mandar iluminar o Caminho dos Mochos à noite, com a desculpa de ser um sítio possível para assaltos, quando não havia assaltos nenhuns. [...] Foram mil e uma noites que eu fiz o Caminho dos Mochos só iluminado pela Lua, pela Ursa Maior, pelo *Jupiter* de Gabriel Garibaldi, pelas milhares de estrelas e pelos pirilampos. Às vezes, de mãos dadas com o Jakob. Muitas outras vezes, sozinho. (...) assim que passava as capuchinhas já começava a ver pirilampos a piscarem, que com a sua luz traziam-me até aqui; isto de noite, estão a imaginar, onde eu me encontrava com o Jakob que subia isto vindo do comboio e que vinha dar aqui... Vínhamos os dois dar aqui... Isto era o nosso ponto de encontro. Nem sempre eu chegava a tempo à estação. E quando eu não chegava, o Jakob ia subindo e acabávamos depois sempre por nos encontrarmos aqui. Ficávamos a namorar, a namorar, a namorar e quando eu olhava à minha volta já estávamos cercados de pirilampos... Parecia até que a luz que eles emitiam faziam um espetacular circuito elétrico que parecia que tinha “som da corrente”, parecia que se via “o som da corrente”... Alguma vez eu iria deixar a Câmara Municipal (...) instalar candeeiros onde eu sabia que havia pirilampos???? A Câmara Municipal (...) também quis instalar aqui... (...) Queria este caminho todo iluminado com candeeiros, “por causa dos assaltos” que não existiam... A Câmara Municipal (...) é que nos assaltou. A Câmara Municipal (...) é que nos queria assaltar os dados... Porque os candeeiros eram só uma peça do xadrez que avançava para numa outra

logo jogada, instalar câmaras de vigilância... [...] E eu tive de me agarrar, sem querer, aos pirilampos... Os pirilampos eram a desculpa perfeita! (...) A revista da *National Geographic*, andava a fazer a boa propaganda sobre a extinção dos pirilampos e das abelhas... (...) Era urgente protegermos os pirilampos, as abelhas e também os morcegos. Os morcegos foram acusados de serem portadores do vírus tecnológico de 2020. Havia a teoria que a transmissão do vírus tecnológico de 2020 para os humanos tinha-se dado pelo consumo dos morcegos! Mas quem é que mandou pôr os morcegos na panela????? Com tantos bichos ruins como as cobras e os crocodilos, foram pôr os morcegos na panela???? Os morcegos não são para se comer! Eles sabem que são portadores de milhares de doenças, por isso, é que com a sua tecnologia, eles não se aproximam de nós. Eles mantêm uma distância tecnológica de nós. Com a tecnologia deles, eles mantêm uma distância sobre nós. São nossos amigos.

— Pai, isso é o que está escrito n’O *Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala.

— E que também está escrito em 2080 e que foi escrito em 2020 *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto.

— Que estranha Internet das Coisas, pai...

— Que estranho, não é? Que estranho os humanos não verem que os morcegos são nossos amigos... Eles são polinizadores. Comem mosquitos. Equilibram o ecossistema. São tão ecologistas e cientistas como as abelhas! Enfim... Quando a Câmara Municipal (...) começou a pôr tudo à venda, a pôr o Caminho dos Mochos, o Jardim dos Mochos, o Caminho das Corujas, o Jardim das Corujas, o Jardim dos Idílicos, a Montanha Jupiter, esta encosta em que estamos (...) eu tive de comprar, eu tinha de proteger todos estes ecossistemas. Porque vi a vida que havia neles. O meu coração sempre bateu pela vida! O meu coração sempre quis proteger a vida! E se eu tinha este coração, se eu sabia que tinha este coração, então eu tinha de imprimir o meu coração com a Jupiter Editions. (...)

Para ver os outros demos desta obra, na página dos Member Writers no site da Jupiter Editions www.jupitereditions.com vá à subpágina do autor e clique nos botões dos vários demos.

Este demo foi publicado pela Jupiter Editions em www.jupitereditions.com no dia 21 de outubro de 2021 pelas mãos e vontade do autor para a apresentação, divulgação e tradução do seu verdadeiro espírito contra qualquer deturpação.

Não passe a mensagem deturpada!

Passa a Missão Jupiter Editions!

Uma Missão de Paz! Uma Escrita pela Paz!



**JUPITER
EDITIONS**

**Não deixe o espírito deste
autor morrer.**

**Está nas suas mãos não
deixar o espírito deste
autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor
para o IBAN
PT50 0010 0000 58544220001**

ou MB WAY 965108603

**O seu donativo é muito importante
para proteger a qualidade de
escrita do autor e não deixar o
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o
IBAN**

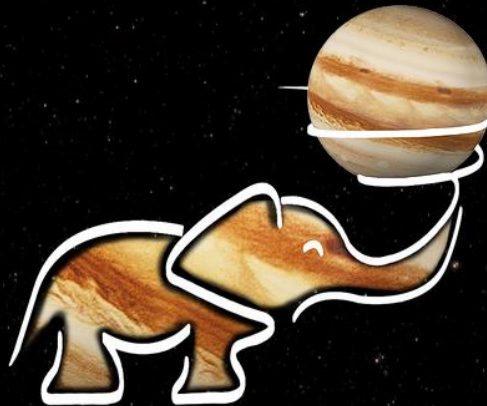
PT50 0010 0000 58544220001

ou MB WAY 965108603

Missão Cumprida!

Passa a Missão [online!](#)

[JUPITEREDITIONS.COM](#)



JUPITER EDITIONS [.COM](#)

Nota de edição: o conteúdo do presente demo é uma escrita implementada que foi acrescentada entre setembro e outubro de 2021 pelo autor à versão original da obra durante a sua visita de trabalho à Praia dos Bodyboarders.

O autor aumentou a versão original logo depois de entregar a obra à Jupiter Editions. Tal teve que ver com o Estado de Emergência que foi declarado pelo Governo, levando o autor a produzir uma nova escrita e que por estar ligada ao que já tinha sido escrito, o autor decidiu adicionar a nova escrita à versão original da obra 2080. Em junho o autor celebrou um contrato de trabalho com uma empresa sediada no concelho da Praia dos Bodyboarders. Tal levou a uma nova produção de escrita durante a sua visita de trabalho à Praia dos Bodyboarders que foi fechada definitivamente em outubro de 2021.

A Jupiter Editions e o tradutor da obra 2080 para castelhano aceitaram sempre os novos acrescentos em tempo real da obra, colaborando sempre com o autor e apoiando-o.

O conteúdo da presente obra integra a exclusiva 1ª Ordem da 1ª Edição do Primeiro Plano Editorial da Jupiter Editions só existindo atualmente na 1ª edição de luxo dos 6 exemplares de 2080 que foram impressos à porta fechada. Os Member Readers com 27 jupits ou autorizados pelo autor poderão consultar a 1ª Ordem da 1ª Edição de 2080 de Antoine Canary-Wharf no Jupiter Editions Museum e em especial o presente conteúdo na sua integridade. Nos trabalhos de Carpintaria de 2080 de Antoine Canary-Wharf pelas Regras do Jogo da 1ª Ordem da 2ª Edição anunciadas online no site da Jupiter Editions na zona de Gaming & Puzzling, sabendo-se que Antoine Canary-Wharf poderá diminuir a obra de 930 páginas até 400 páginas, não se espera que o autor inclua o conteúdo do presente demo para a 1ª Ordem da 2ª Edição. Esta tese é uma tese da Jupiter Editions e não do autor, podendo a tese estar completamente errada e verificar-se que o presente conteúdo foi incluído pelo autor na 1ª Ordem da 2ª Edição. 21/10/2021

